

## **Continuações do passado escravista e formação do ritmo, da cultura e da periferia moderna, famílias e aquilombamentos.**

**Mateus dos Santos Rocha<sup>1</sup>**

### **INTRODUÇÃO**

Os estudos acerca da gênese do samba são comumente associados com o trabalho de jornalistas ou historiadores da música, por questões técnicas ou práticas a classificação do tema das pesquisas em questão tendem a pousar sobre este gênero. No entanto, é de nosso conhecimento que o surgimento e a transformação de uma manifestação cultural perpassa e ultrapassa os campos da descrição jornalista e do expositivismo, de modo que a relação direta estabelecida entre sociedade geradora de normas e padrões e a adequação normativa-cultural dos indivíduos coletivamente constroem as bases estigmatizadas e moralizantes presentes nas sociedades frutos do capital, sendo as instituições que constituem a estrutura e formalizam a “base social” responsáveis por transpor e atualizar os sujeitos e objetos da cultura normativa, para assim garantir a sua aplicação eficiente.

A normatização através da cultura é uma das formas mais sucintas de domesticação e “*docilização*” dos corpos, entrelaçando as práticas de determinado povo com o status de algo “não civilizado”, utiliza-se da ideologia (em concepção marxiana) para que não se permita enxergar sociedade e progresso para além da ótica da cultura capitalista hegemônica, que implica a existência de uma estrutura social estratificada que defina quem são aqueles os que necessitam passar para o lado certo da História.

Entendendo que nossa cultura e nossa história são os nortes que nos agrupam e definem enquanto grupo social dentro de determinado contexto social, é de se compreender o impacto cruel da supressão cultural atrelada a todo o processo escravocrata: a tentativa de esmagamento dos corpos e das almas dos homens negros incorporados enquanto escravos à sociedade brasileira pelos europeus.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 22

“Salvaguarda de Patrimônio Cultural de Populações Tradicionais” do VII ENADIR 2023.

É necessário, portanto, nos utilizarmos de pensadores como Foucault, Paul Gilroy, Robert Slenes, Clóvis Moura, Abdias do Nascimento, Muniz Sodré e Achille Mbembe, entre outros. Nosso produto se faz a partir da análise histórica dos fenômenos que perpassam a vida dos corpos negros em solo brasileiro ao longo dos anos, recaindo inevitavelmente sobre o samba.

A gênese do samba implica, em nossa história, o estabelecimento rítmico de forma de resistência dos escravizados oriundos de diversas regiões da África em nosso país. E para além de “Pelo Telefone”, tido como o primeiro samba gravado oficialmente, a convergência das tradições ancestrais africanas perpetuadas em certa medida pela mentalidade escravocrata como sinônimo de cultura brasileira ocorreram com muita resistência e enfrentamento das populações negra e esse processo impactou primeiramente os corpos dos homens e mulheres, antes que viesse a ser expressa como elemento da cultura nacional.

A conjuntura estrutural providenciada pela relação de poder presente no modelo escravocrata tem efeito direto também na formação das famílias escravizadas em relação à solidariedade entre as populações negras que aqui chegaram fomentando a desagregação das bases dessas famílias antes mesmo de suas saídas do continente africano. Em contexto brasileiro as novas relações familiares foram sendo construídas a partir de plantéis e suscetíveis às inclinações de mercado referente ao período em questão, ou seja, quanto mais a produção dos plantéis aumentavam, maiores eram as demandas por mão-de-obra escravizadas.

Como os quilombos de outrora e como os agrupamentos familiares que se formaram durante a escravidão, essas casas onde se praticavam o Samba possuíam na figura da Tia, por exemplo, Ciata, a representação da autoridade pessoal e religiosa, normalmente por estas estarem também ligadas a títulos de ordem religiosa de tradição jeje e nagô, como o de *Babalorixá*. Esses espaços dos terreiros de candomblé sofriam grande possibilidade de batida policial ou invasão, ou mesmo eram alvo da deturpação de suas funções para a comunidade. A repressão do estado por meio da polícia não poderia se dar ao luxo de acender o pavio do conflito étnico-racial sem iniciar um processo penoso de violência contra esses espaços.

A repressão sofrida era mais um mecanismo para atender aos interesses tanto do governo geral do Brasil, quanto do Rio de Janeiro na época, interessados em propagar a doutrinação da marginalização das populações negras com a finalidade do controle social, porém qualquer possibilidade de conflito em larga escala poria em cheque o projeto de civilização do conservadorismo oligárquico brasileiro.

Partimos desta relação de poder, deste embate cultural e espacial evocado pela presença das casas dessas tias do samba no Rio de Janeiro no começo do Século XX e a análise das forças de segurança que demonstravam a sua importância na lógica docilizadora do exercício do poder institucional e repressivo do estado, para compreendermos como tais corpos estavam submetidos à sociedade disciplinar na primeira república. Entretanto também nos interessa a importância da preservação das culturas e das vidas negras suburbanas frente ao projeto de Brasil existente e pensar os resultados dessas dinâmicas para a população negra de nosso país no contexto atual.

### **O passado escravista e a formação da cultura afrobrasileira**

A necessidade da pesquisa e do estudo acerca das relações escravocratas e do impacto da escravidão no desenvolvimento não somente da nação, mas principalmente das condições e estratificações sociais estabelecidas, para além de ajudar-nos a pensar a propalada ideia de reparação histórica, é uma tentativa de reconstrução da nossa base de pensamento sobre as contribuições das populações negras na formação de nossa sociedade. A tentativa de nos fazer conhecer a nossa história numa perspectiva da história do ponto de vista afrocentrado e as motivações por trás das propagandas, das demagogias e da história dos grandes líderes e das figuras masculinas e femininas construídas quase que folcloricamente para garantir a estabilização e o pano de fundo necessário para a nacionalização de nossa sociedade são fundamentais para o entendimento do pensamento social brasileiro que se fundou nas ideias de embranquecimento e democracia racial em determinado momento de nossa história. O esforço feito a partir da pesquisa sobre a vida dos escravizados e as reminiscências de uma cultura afrobrasileira é o que nos desafia a compreender nossas origens.

A criação do imagético e dos arquétipos que constroem a identidade do que viria a ser o povo brasileiro foi um projeto arquitetado pelo estado-nação desde o momento de sua fundação para que se consolidasse o próprio projeto nacional que vinha sendo desenvolvido em outros países ao longo dos séculos anteriores. Uma república representa uma unidade, e para que essa se consolide de forma contundente, foi necessário e é necessário que haja um elemento (ou um conjunto de elementos) unificador(es), homogeneizador(es), um arquétipo plausível para se pintar toda a nação e fazer com que as pessoas que fazem parte do território definido enquanto nação se reconheçam a partir de símbolos ou características comuns ao seu povo. E isso não aconteceu em parte nenhuma no mundo sem conflitos, guerras, genocídios e epistemicídios.

No caso do Brasil, o samba foi escolhido enquanto parte fundamental para a criação desse arquétipo, ainda que paradoxalmente. Dada sua origem, é no mínimo estranho e consideravelmente trágico que o fator “naturalmente brasileiro” como veio a ser considerado o samba, seja resultado de um movimento cultural de resistência e existência por parte de homens e mulheres negras, num movimento de contracultura que se negavam a se submeter ao projeto normatizador do estado político-militar brasileiro que instaurou a chamada república no país. O movimento de solidificação do samba como elemento da cultura nacional é um reflexo das possibilidades de criação dos corpos negros, que sobreviveram à escravidão, e às cruéis formas de tortura, violências e desumanização ao longo de séculos. Esse processo de formação nacional baseado no controle de corpos marcados pela violência exercida por aqueles mesmos aparelhos burocráticos e instituições que controlam a programação das rádios na Era Vargas, e que exclamam o quão bonito é o samba demonstra as contradições do que pretendemos estudar nesse trabalho de conclusão de curso.

Semelhante ao *blues*, o samba é essencialmente negro em sua raiz. Desde o momento em que as populações negras começaram a ser arrancadas do continente africano, sobrevivendo aos navios negreiros, aos projetos de catequização e extermínio de seus corpos e de suas almas não restou ao estado brasileiro outra alternativa a não ser integrar essa população à sua sociedade e cultura, dentro dos moldes midiáticos e propagandistas, na tentativa de embranquecê-lo.

As casas das tias do Samba, tais como Ciata, tia Bebiana, tia Celeste, tia Dadá, tia Davina, tia Gracinda, tia Mônica, tia Pérpetua, tia Perciliana, tia Sadata e tia Veridiana representavam para aqueles negros e negras o local de encontro da vida e de um cantinho da África no Brasil.

Agrupando diversos sambistas para a história desse ritmo e dessa cultura, tais como: Donga, João Pernambuco, Pixinguinha, etc. as casas de samba eram os espaços onde se era permitido (e obrigatório) haver batuques, desde partido alto, samba de roda até o toque das macumbas. As Tias ocupavam também posição de prestígio entre os frequentadores, sendo não somente as donas das casas, mas também referências na religião do candomblé, sendo que por essa autoridade, eram reconhecidas enquanto lideranças entre negros e negras, num processo de aquilombamento das regiões dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, fomentando a criação do espaço urbano também com o “lugar dos/as negros/as”.

### **Caminhos metodológicos**

A pesquisa visa analisar as relações de poder entre as instituições sociais aparelhadas pelo estado burguês que se formam na primeira república – amparado pela lógica docilizadora do exercício do poder institucional e repressivo do estado – e a formação desses espaços de aquilombamento evocado pela existência das casas das tias do samba no Rio de Janeiro no começo do Século XX. Além disso busca-se entender a importância da manifestação cultural negra conhecida como Samba enquanto produto da construção contracultural da população diaspórica no Brasil.

Dessa forma é objetivo também entender a relação samba-corpo, e como esse se constrói a partir de movimentos como o da negritude, do pan-africanismo e diaspórico, produzindo maneirismos corporais que foram ao longo da história perseguidos se pensarmos o papel das instituições do Estado para a manutenção das formas de poder violentas decorrentes da estrutura do sistema capitalista.

Para isso deve-se pensar o papel da instituição família na manutenção e preservação de manifestações culturais dos grupos subalternizados pelas sociedades nacionais hegemônicas e refletir sobre as aplicações práticas do

sistema escravista, das relações de trabalho e vivência, e as estruturas de formação da família escravizada no discurso da miscigenação e democracia racial na vida das famílias negras na atualidade.

### **O embrião das manifestações culturais afrodiaspóricas**

Segundo Sodré:

“Era natural, portanto, que as pessoas de cor no Rio de Janeiro reforçassem as suas próprias formas de sociabilidade e os padrões culturais transmitidos principalmente pelas instituições religiosas negras, que atravessaram incólumes séculos de escravatura” (SODRÉ: 1998, pág. 14).

O Samba nasce negro, filho de mãe negra e escrava. E ainda que o seu embranquecimento na voz de grandes autores tais como Tom Jobim ou Vinícius de Moraes o tenha mascarado enquanto mercadoria sob a vontade da elite econômica aristocrata Brasileira, o próprio Vinícius de Moraes nos convida a consultar nosso Orixá em Canto de Osanha, denotando a negritude presente em tal ritmo. A origem e finalidade da manifestação artística e cultural conhecida como samba é bem resumida por Caetano Veloso: “A lágrima clara sobre a pele escura”.

A história que nos interessa adentrar, no entanto, vai para além dos sambistas clássicos, para além de Cartola, ou Jackson do Pandeiro. O Contexto Histórico em que nasce o samba (por consenso de historiadores da música), é a cidade do Rio de Janeiro, primeira metade do século XX, com “Pelo Telefone”, lançado oficialmente em 1917.

Os elementos caracterizadores do ritmo samba são fruto desse processo de permanência e transformações das tradições que vieram, através dos povos escravizados, ao Brasil. Também não poderiam incorrer numa visão simplista de chamar africano os cultos de candomblé realizados aqui em nosso solo, nosso candomblé, nosso samba e nosso povo são extremamente brasileiros. Enquanto que as descendências de famílias de título lusitanas, francesas e holandesas criam o perfil da elite do Brasil, são os negros e indígenas que criam a população brasileira em sua maioria esmagadora. Com diferenciação

étnico-racial presente nos estados do sul que receberam imigrantes italianos para compor sua força de trabalho, numa tentativa declarada de se embranquecer o perfil da população brasileira, o que demonstra que a elite do país sempre teve consciência do quão negros eram os homens e mulheres que compunham essa população.

Quanto ao contexto no qual foi produzido o samba, pouco mais de uma década antes deste ser lançado a público, o Rio de Janeiro passou pelo chamado “movimento bota-abaixo”:

O movimento de urbanização presente na cidade do Rio de Janeiro era seguido também por um esforço das forças e instituições nacionais para a segurança e legitimação do governo a partir da ordem. Dada a presença dos Jacobinos no cenário nacional e seu apoio indiscriminado a Floriano Peixoto, a política nacional efervescia com a oposição feita por este grupo aos presidentes subsequentes, sendo os Jacobinos em diversos textos citados como “*arruaceiros*”, podemos os definir de forma sucinta com um grupo autodenominado patriota que voluntariamente se pôs a pegar em armas e se opor aos militares que governaram após Floriano, por entender que esses poderiam abrir mão da república para um retorno a sistemas políticos anteriores.

Dito isso, não é de se estranhar que, dentre as finalidades da reforma urbanística do Rio de Janeiro, o prefeito Pereira Passos incluísse civilizar nas justificativas. O processo civilizatório, nesse caso, se daria para com aqueles diretamente afetados pela reforma, ou seja, as quatorze mil pessoas que viviam nas regiões suburbanas do Rio de Janeiro, majoritariamente negras, as quais foram novamente violentadas por meio do poder estatal para que se pudessem integrar na sociedade da maneira como planejada para a cidade, sem possibilidade de ascensão social.

Quanto à formação dessas comunidades, é sabido que existiu um grande fluxo migratório de negros oriundos da Bahia e de Pernambuco para o capital federal até então, o Rio de Janeiro. Esses, juntamente com aqueles negros que moravam no Rio, formaram as primeiras comunidades da capital federal. Nos subúrbios, aqueles que descendiam de um passado na senzala

passaram a se expressar culturalmente a partir de grupos que saíam nos chamados “*ranchos*”.

A criação do Samba, nos jongos e umbigadas, incorre enquanto forma de resistência do negro em relação ao sistema e às Instituições escravagistas.

A utilização da força de trabalho dos negros, em conjunto com a supressão de sua cultura em detrimento dos valores e ideias europeus de progresso exploratório da América Latina podem ser caracterizadas enquanto estratégias de transformação desses negros no *modus operandi* classificado por Foucault como “*corpos dóceis*”. Salvo a associação direta das relações significativas e práticas presentes no Brasil para com a análise de Foucault, tendo em vista que este utilizaria as formas de punição tais como o suplício e a condenação de homens que uma vez ousassem ter ido de encontro para com o sistema, perdendo assim, sua liberdade, a análise Foucaultiana a respeito do processo de docilização dos corpos pode ser empregada a partir do momento em que nos encontramos com uma estrutura que se baseia em Instituições para a redução da humanidade de um determinado grupo social à força de trabalho.

Como definido por Foucault, a docilização dos corpos existe de forma objetiva para que se possam perpetuar as relações de poder, seja física, institucional, abstrata ou cultural. Todo o processo escravagista, desde os navios negreiros até a utilização de sua força braçal e a “*bestialização*” de seu corpo e ser. “*Pois se todos temos uma alma e uma bestialidade (...), de que veio estes negros serem tão bestiais (...)?*” (NÓBREGA, Manoel. Diálogo sobre a conversão do Gêtio, 1556-1557). A bestialidade conferida à alma negro justificava a destruição de seus costumes e culturas e a incorporação desses ao sistema jurídico luso-brasileiro enquanto naturalmente inferiores. A reverberação dessas decisões de natureza política-econômica ultrapassa séculos, com o samba sendo liberado de seu julgo bestial somente após a apreciação desse pelas elites no Séc. XX. Portanto, a validade do emprego de uma análise Foucaultina a respeito dos métodos punitivos e repressores utilizados para com os negros ao longo da história do Brasil deve pressupor que, neste caso, a condenação já existia previamente a qualquer julgamento

legal, pois os negros já haviam sido sentenciados pelos escolásticos à serem bestiais desde o seu nascimento e ser essa bestialidade parte de sua natureza, o que justificava aos outros agentes repressores a violência exercida, sem que houvesse qualquer suplício, por não haver a ritualística da confissão e da martirização, qualidades demasiadas humanas para que pudessem ser conferidas a estes “homens de cor”.

A nós é necessário, portanto, regredir temporalmente na história da escravidão afim de que possamos obter uma compreensão mais ampla das implicações por trás dos movimentos culturais de resistência negros. O sentimento de solidariedade e irmandade presente entre as comunidades e famílias escravas e nos quilombos no Brasil, principalmente na Bahia, Pernambuco e no Rio de Janeiro impulsionou a aglutinação das diferentes vidas, pessoas e culturas para a formação de núcleos familiares durante o processo de escravatura. Seja por impulso de sobrevivência e subsistência do *jus naturalis* humano, ou resultado de uma estratégia de resistência e de manutenção dos valores culturais originários sob o julgo constante das senzalas, é sabido que por meio de casamentos e apadrinhamentos, os escravizados negros buscavam se organizar de forma orgânica entre si formando os tais núcleos familiares. Entre o fim do Séc. XVIII e o começo do Séc. XIX estimasse uma flutuação de desembarque anual de escravizados provenientes da África no porto do Rio de Janeiro entre 5.000 e 50.000 escravizados, com grande crescimento no intervalo entre 1825 e meados 1827 – 1828.

É, portanto, indissociável, o sentimento de resistência, e manutenção da cultura presente na formação das famílias escravas, que surgem como uma resposta ao processo de dissociação destes negros de suas famílias originais, “No entanto, a maioria teve de criar novos vínculos, estabelecer uma comunidade de apoio e solidariedade no contexto da escravidão” (MATTOS, Regiane Augusto. História e Cultura Afro-Brasileira, 2007). Com a formação de novas famílias, esses negros oriundos de África estavam, mesmo que inconscientemente, fazendo oposição ao desmantelamento das relações orgânicas entre os homens que serviam a fim de suprimir as noções de pertencimento que pudessem existir. Com o reatar de laços ou o formar de

outros novos, o negro permitia-se organizar-se de forma mais intrínseca, através dos laços consanguíneos ou das próprias relações de apadrinhamento.

Tendo determinado contexto estrutural em mente, podemos avançar para a questão demográfica da cidade de Rio de Janeiro, com a formação de comunidades majoritariamente negras principalmente no bairro da Saúde, Riachuelo e Lapa, com a participação das chamadas Tias do Samba.

As tias do samba serviram para os sambistas como um porto-seguro, abrindo as portas de suas residências para estes homens, frutos da escravidão, muitos vindos da Bahia ou de Pernambuco, tais como Donga, João da Baiana, Pixinguinha, entre outros. Essas mulheres sendo também lideranças religiosas dentro das religiões de matriz africana. Sendo essas mesmas líderes comunitárias, responsáveis pelo acalentamento e proteção desses homens, que por vezes recorriam a suas casas para escapar a violência policial ou a conflitos pessoais.

A importância desses espaços fica ainda mais relevante quando posto em contraste com a realidade do Rio de Janeiro e do Brasil na época, final do Séc. XIX e começo do Séc. XX. O movimento civilizatório empenhado tanto pelo prefeito da cidade quanto pelos presidentes da república, em especial o marechal Floriano Peixoto, fizera do samba a ser mostrado à público uma arte contida, e logo os ranchos saídos com cordões de contenção de forma “organizada” foram a alternativa enxergada pelo governo àqueles preteridos e reprimidos, que carregava consigo muito fortemente os traços daquela bestialidade ancestral, a ser superada por aquele novo projeto de Brasil, fomentado sob os ideais de ordem e progresso, “Desafricanizar a capital da República, aliás, era uma missão que as autoridades vinham pondo em prática em nome da modernidade e civilização” (NETO, Lira. Uma História do Samba, Volume I, 2017).

O processo de domesticação do corpo e da alma do negro ao longo dos séculos teve sempre por apoio as Instituições legais, as quais legitimavam a violência empenhada contra estes com o pretexto de estar agindo para o bem de uma civilização menos bestial. Os ideais por trás do processo civilizatório implicam num esquema cruel e bem elaborado político e academicamente para

a manutenção do racismo estrutural de forma sistemática dentro da sociedade. Para manter sempre essa classe social na subalternidade, o homem branco criou o racismo, classificando como inferiores os diferentes e negando a esses até mesmo uma boa vida após a morte.

De certa forma, o lugar social ocupado por essas tias do samba mantinha relação simbólica direta com aqueles vínculos construídos ainda em época de escravidão através da relação de apadrinhamento. Essas acolhiam os homens formando uma rede de solidariedade, apoio e proteção contra as próprias Instituições, por carregarem consigo também o poder simbólico de líderes comunitárias e religiosas, reverenciadas e respeitadas pelos outros negros. Poder simbólico esse que fazia oposição às Instituições por se basear em seus próprios códigos, esses que existiam em detrimento da relação de subsistência cultural direta para com a cidade do Rio de Janeiro. O reconhecimento da validade desses códigos pela força repressora do estado garantia às casas das tias certa imunidade de determinadas ações policiais, como uma “espécie de legitimidade ilegal”, para que estes homens pudessem escapar a estas casas como seus avós escaparam aos quilombos, a resistir o poder civilizador, repressor e disciplinador do estado.

A preservação dos corpos nas casas e terreiros das tias do samba, eram também a preservação da cultura e das religiões africanas. Com as proibições de manifestações culturais ligadas ao africanismo no Dia de Reis, feitas pela Igreja enquanto Instituição, ocorreu o deslocamento dessas festas e manifestações para o período de carnaval. Os povos migrados de Pernambuco e Bahia para o Rio de Janeiro eram conhecidos por Bantos, nomenclatura utilizada para aglutinar esses povos, pois também fazia alusão a um tronco linguístico comum entre diversos dos idiomas trazidos pelos negros de África. “Os ancestrais prolongam-se e as linhagens se estabelecem pelos séculos através do sangue materno” (THEODORO, Helena. *Guerreiras do Samba*, 2009).

Pois bem, para que exista e perdure esse processo de reprodução cultural é necessário que exista uma unidade, construída a partir de uma rede de afetos e solidariedade que ultrapasse os laços de amizade para aqueles de

parentesco direto. O núcleo familiar é necessário para a existência e permanência de uma cultura/tradição, e por sua própria reprodução, reproduz-se também a cultura. Nos movimentos nacionalistas, por exemplo, é frequentemente utilizado o arquétipo da “família modelo”, para fins de identificação e consolidação de unidade dentro do que se propõem. O núcleo familiar é o vetor da cultura e a condição para sua reprodução direta.

### **Considerações finais**

A cultura negra, portanto, não pode ser pensada enquanto produto somente de uma modernidade, com público alvo e valor de mercado, a ancestralidade carregada por artistas como Agenor de Oliveira, saudoso Cartola, ou por aquele o qual considero um dos maiores expoentes da música brasileira de todos os tempos, Jorge Ben Jor, é a flor germinada em nosso solo por mais de 350 anos de escravidão e estigmatização social. O samba que nasce dos morros é resultado da formação das favelas cariocas, que se formaram a partir de políticas públicas que negligenciavam a vida negra, largando-os “à própria sorte”. É perceptível a recorrência de políticas públicas que periodicamente promovem ou permitem o extermínio do povo negro no Brasil, desde o que foi a escravidão, o descaso com os negros libertos após a Lei Áurea, que após serem moídos durante centenas de anos em solo tupiniquim não possuíam sequer direito a um punhado de terra para si, completamente destoante do cuidado oferecido para aqueles imigrantes europeus que vieram ao Brasil, o movimento bota-abaxo, promovido na cidade do Rio de Janeiro, até as incursões realizadas nas favelas da rocinha e do patrulhamento utilizando material de guerra nos morros do estado e as criações das UPP's; o descaso do estado brasileiro para com sua população negra e favelada é histórico, seja se utilizando da força legítima de repressão estatal para controlar e exterminar (a polícia), seja dando brecha para organizações milicianas dominarem as favelas, noticiando aqui e ali as mortes ocorridas por “guerra de facções”.

As associações folclóricas a um passado distante, que ressoa em detalhes percebidos enquanto reminiscências de algo que já não existe mais enquanto coisa que era, nesse sentido separando as religiões de matriz

africana de seu passado histórico e induzindo a pensar que a permanência destas tenha sido aceita quase que em um concílio que nunca houve, atribui ao fenômeno do sincretismo a chave para permanência desses ritos, o que, de certa forma contribuiu para que continuassem existindo, ao passo que, esmaece nossa visão a respeito da doutrinação realizada por padres católicos, que existia de mãos dadas com a ameaça de punição na mão de outros senhores, como pontua Abdias: “O papel exercido pela Igreja Católica tem sido aquele de principal ideólogo e pedra angular para a instituição da escravidão em toda sua brutalidade” (NASCIMENTO, Abdias, 2023).

Pois bem, compreendamos a tese da democracia racial, na mais branda das concepções, enquanto estratégia diplomática, para dialogar com países como a França, acerca do “paraíso étnico” que seria o Brasil, enquanto que na realidade, em 2023, a população negra encarcerada no sistema penitenciário brasileiro atingiu o maior patamar da série histórica do Fórum de Segurança Pública, constatando que em 2022 o percentual de negros entre a população carcerária atinge 68,2% do total.

Compete a nós, também, compreender o fenômeno tido como basilar para construção da teoria da democracia racial, o sincretismo. Consideremos, pois, o sincretismo em sua diversidade característica, enquanto artifício de massificação e incorporação de negros em outra cultura, antagônica à sua; enquanto parte da estratégia de embranquecimento cultural brasileiro, e domínio e expansão do catolicismo no país, buscando converter e docilizar a todos quanto não houvessem sido exterminados; enquanto artifício utilizado pelos negros a fim de mascarar seus orixás com nomes brancos, e, malandramente, integrar ao jogo de poder dispendo de uma consciência estrutural que não se era esperado de um bestializado; enquanto fenômeno cultural ímpar, por envolver em si próprio tamanha rede de relações simbólicas, culturais, e representações artísticas, e por, dificilmente se conseguir categorizá-lo em lugar conceitual imóvel, dada a fluidez das relações e das representações simbólicas expressas nos próprios corpos e ritos dissonantes entre a missa celebrada em igrejas comuns e aquela realizada na igreja do Rosário, ou aquela realizada em terreiro.

Roger Bastide define o sincretismo enquanto a máscara branca colocada sobre os deuses negros. Nina Rodrigues referencia a esculturas de Xangô, representante do trovão na religião Iorubá, como mal diagramadas, esteticamente imperfeitas, por não possuir a “proporção adequada” para os braços e pernas, prossequindo a atribuir ao autor da escultura a presença de uma “consciência obscura” e a “ausência da habilidade técnica” necessária para ser considerada sequer uma obra de arte, Abdias do Nascimento escreve: “A peça tão lamentavelmente deformada, não poderia satisfazer os requisitos fundamentais que se exige de uma criação artística” (NASCIMENTO, 2023). Argumentos não faltam aos cristãos para se referirem aos cultos sincréticos enquanto “impuros” ou “desvirtuosos”, e, de fato, não encontramos em autores que referenciam o fenômeno a ideia de busca de uma pureza branca por parte dos negros que aderiam aos cultos, pelo contrário, com frequência se permanece o culto aos orixás em paralelo ao deus cristão.

O fenômeno do sincretismo em suas várias faces é essencial para que possamos compreender a formação das comunidades negras e da história negra no país. Poderia ser elevada a categoria simbólica, para associarmos características presentes nele a outros movimentos de cunho artístico, urbanístico, cultural e, claro, religioso. Sua dualidade característica está presente nas casas de samba do Rio de Janeiro do Séc. XX, onde se dividiam as danças e a música de acordo com a visibilidade e a permissividade que o cômodo da casa possuía, indo de samba de partido alto ao batuque num simples adentrar à residência, a qual adentravam somente aqueles que realmente eram sambistas, que faziam parte daquela cultura com suas vidas, mesmo que inconscientemente, como escreve Fanon: “O negro é um homem negro; isto é, em decorrência de uma série de aberrações afetivas”(FANON, 2020).

O caráter de aceitação em detrimento de outras consequências piores, como era o caso daqueles negros que desobedeciam os senhores, pecando contra o deus cristão, eram enviados a outros que o castigavam, ou seja, a criação de um pudor reativo, um sentimento de autopreservação em relação a própria estrutura legal e às instituições, para que se conserve a sobrevivência em muito se assemelha ao blocos carnavalescos que passaram a sair sob a

contenção de cordões, com a premissa de que não seriam violentados pela polícia.

Táticas reais de sobrevivência, que em seu conjunto posteriormente denominando por esperteza ou sagacidade criaram a cultura do malandro, expressa por Bezerra da Silva, “malandro é o cara que sabe das coisas”, que compreende as regras de um jogo desfavorável para ele, e que precisa “dar um jeito, se virar” sem “dar com a boca na botija”, é necessário identificar as brechas e preenche-las.

A cultura do malandro ao mesmo tempo que é reconhecida e cantada por praticamente todos os grandes sambistas negros não é em si, porém criminosa, porém auto-conscientizante, fazendo o negro entender que ele não pode “vacilar”, enquanto que a cultura conservadora branca, através de propagandas, notícias e programas policiais faz o possível para que esse traço cultural que existe justamente enquanto inerente ao negro favelado não por escolha, porém por necessidade, seja criminalizado, numa outra tentativa de docilização e integração a partir, não de um embranquecimento, mas de um “emulamento”, transformando o jovem negro em potencial capitão do mato, prometendo-o integração à sociedade a qual ele pensa desfrutar, porém sempre na posição subserviente.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Maurício de. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRio/ Zahar, 1988.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Hausmann Tropical. **A renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do Século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.

DOMINGUES, Petronio. **O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930)** in Diálogos Latinoamericanos número 010, *Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España e Portugal: Universidade Autónoma del Estado de México*, 2005.

FANON, Frantz. **Pela Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: UBU Editora, 2020.

FLORENTINO, Manolo & GÓES, José R. **A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico. Rio de Janeiro: 1790-1850**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 24.ed. São Paulo: Edições Graal, 2007a.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 24 ed. Edições Loyola Jesuítas. São Paulo, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 42. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**, 50ª edição. Global Editora. 2005.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro — Modernidade e Dupla Consciência**. Rio de Janeiro, Editora 34/UCAM — Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012, 2ª ed.

LOPES, Nei. SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da História Social do Samba**, 10<sup>o</sup> edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2023

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. 1<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. 2<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro – processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1978.

NETO, Lira. **Uma História do Samba**, Volume I (As origens). 1<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Companhia das Letras 2017

NÓBREGA, M. Cartas do Brasil (1549-1560). Cartas Jesuítas I. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1988. **Diálogo sobre a conversão do gentio**. IN: LEITE S.J., Serafim. São Paulo: União Gráfica de Lisboa, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870 – 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SLENES, Robert Wayne. **Na senzala, uma flor – esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX**. 2<sup>a</sup> ed. corrigida. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

SODRÉ. Muniz. **Samba, o Dono do Corpo**. 2<sup>a</sup> ed. – Rio de Janeiro: Mauad 1998

THEODORO, Helena. **Guerreiras do Samba**. Textos escolhidos de cultura e arte populares Rio de Janeiro; v. 6, n. 1, p. 223-236,2009